



A imersão cultural no aprendizado de português: um estudo teórico sobre os Cadetes de Nações Amigas na Academia Militar das Agulhas Negras

Vinícius Torres Garcia

Academia Militar das Agulhas Negras, Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0104-5967>

E-mail: torressvini@gmail.com

Ana Carolina Fontana

Academia Militar das Agulhas Negras/Universidade Presbiteriana Mackenzie, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7886-8035>

E-mail: anacarolinafontana@gmail.com

RESUMO

Este estudo, derivado de um trabalho de conclusão de curso, tem por objetivo investigar o histórico da imersão cultural no aprendizado do português por cadetes de nações amigas, comparando-o com métodos tradicionais de ensino em sala de aula, de modo que seu resultado possa servir no desenvolvimento de uma nova metodologia de ensino para os militares brasileiros. Para a pesquisa foi utilizada uma revisão bibliográfica sobre as teorias de aquisição de linguagem e a importância da imersão cultural, junto com o histórico de vinda de cadetes para a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). A escolha desse tema se justifica pela crescente globalização e a necessidade de competências linguísticas e culturais no contexto militar, onde a comunicação eficaz e a colaboração entre forças armadas de diferentes países são importantes para o sucesso de missões conjuntas. Além disso, destaca-se a importância deste ensino dentro das forças armadas, visto que, como será mostrado, há uma recorrência na presença de estrangeiros na AMAN.

PALAVRAS-CHAVE: Imersão cultural; Aprendizado de idiomas; AMAN; PLE.



Cultural immersion in Portuguese language learning: a theoretical study on cadets from partner nations at the Brazilian Army Military Academy

ABSTRACT

This study, derived from an undergraduate thesis, aims to investigate the history of cultural immersion in the learning of Portuguese by cadets from partner nations, comparing it with traditional classroom teaching methods, so that its findings may contribute to the development of a new teaching methodology for Brazilian military personnel. The research was based on a literature review concerning language acquisition theories and the importance of cultural immersion, along with the historical record of cadets attending the Brazilian Army Military Academy (AMAN). The choice of this topic is justified by the growing globalization and the need for linguistic and cultural competencies in the military context, where effective communication and collaboration among armed forces from different countries are essential for the success of joint missions. In addition, the importance of this type of instruction within the armed forces is emphasized, given that, as it is demonstrated, there is a recurrent presence of foreign cadets at AMAN.

KEYWORDS: Cultural immersion; Language learning; AMAN; PLE.

1. Introdução

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é um verdadeiro mosaico cultural, refletindo a diversidade de cadetes que nela ingressam. Durante a formação, cadetes provenientes não apenas de diferentes estados do Brasil, mas também de diversos países, enfrentam a mesma forja do *ethos* militar do Exército Brasileiro. Para aqueles que dominam bem o idioma português, o desafio da formação é significativo, mas para os cadetes estrangeiros, esse desafio é ainda maior. Aprender um novo idioma e se adaptar a uma realidade completamente nova é uma tarefa árdua, mas a superação desses desafios é mais pronunciada nos cadetes de nações amigas, que experimentam uma verdadeira imersão cultural, enfrentando novos desafios linguísticos, alimentares e culturais.

A história recente da AMAN é rica em contribuições de cadetes de nações amigas. Há décadas, cadetes de diferentes países vêm ao Brasil para sua formação. Estes cadetes adquirem conhecimentos militares e compartilham suas culturas com os seus camaradas brasileiros. Durante a formação, participam de instruções, formaturas e encontros religiosos, todos conduzidos em português. Esse ambiente de imersão total facilita uma rápida transformação na compreensão da língua portuguesa, resultante da intensa experiência cultural.

O Exército Brasileiro reconhece a importância da imersão cultural e do aprendizado de idiomas, como evidenciado pela criação do Centro de Idiomas do Exército (CIdEx), instituído pela Portaria Cmt Ex nº 1349, de 23 de setembro de 2015. Este centro tem a missão de promover a formação linguística e intercultural dos militares, preparando-os para atuar em missões internacionais e operações conjuntas. O CIdEx é um exemplo da dedicação do Exército Brasileiro em desenvolver um corpo militar coeso e bem-preparado para atuar em um cenário globalizado, destacando a importância do ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE).



Este trabalho é uma amostra do Trabalho de Conclusão de Curso de um dos autores. Na pesquisa em questão, analisa-se o desenvolvimento da compreensão da língua portuguesa entre os cadetes estrangeiros dos diversos cursos da AMAN nos anos de 2024 e 2025. O objetivo é identificar as principais dificuldades enfrentadas no processo de compreensão e aprendizado da língua portuguesa, buscando na literatura acadêmica fundamentos que permitam compreender de que forma determinadas estratégias de ensino contribuem para o êxito na formação militar.

2. Aprendizagem de segunda língua e cultura

De acordo com Schumann (1986), a intensidade da aculturação está diretamente relacionada ao nível de aprendizado de uma segunda língua. O autor caracteriza a aculturação como o processo de integração social e psicológica do aprendiz com a comunidade que utiliza a língua em questão. Em outras palavras, quanto mais o indivíduo se envolve com os falantes nativos da língua que deseja aprender, mais eficaz será sua aquisição. Assim, o aluno se torna parte integrante do grupo que fala a língua-alvo, o que lhe proporciona uma oportunidade significativa de imersão e prática linguística. Esse contato pode levá-lo a enxergar os nativos como modelos a serem seguidos, alimentando o desejo de assimilar seus valores e estilos de vida. Contudo, o autor enfatiza que o aspecto fundamental da aculturação reside na interação social e psicológica com os falantes da língua-alvo.

Os valores sociais mencionados pelo autor referem-se à interação entre dois grupos que se comunicam em idiomas distintos durante um encontro linguístico: o grupo que está aprendendo uma segunda língua e aquele que é falante dessa língua. Os fatores sociais que permeiam essas interações podem tanto facilitar o contato entre os dois grupos quanto dificultá-lo, influenciando, assim, o processo de aquisição do idioma. Esses fatores incluem, por exemplo, a percepção de superioridade de um grupo em relação ao outro e a disposição do grupo aprendiz em adotar os costumes do grupo nativo da língua-alvo, integrando-se ao seu estilo de vida e frequentando os mesmos locais. É fundamental ressaltar a relevância de atitudes positivas entre os dois grupos. Nesse cenário, a proximidade se intensificou e, como resultado, a aprendizagem da segunda língua se tornaria mais eficiente (Schumann, 1986).

Os aspectos afetivos ou psicológicos, como a motivação e os motivos que levam o aluno a aprender uma segunda língua, são de grande relevância. Um fator significativo mencionado é o choque cultural e a sensação de estranhamento em relação à nova língua, que podem causar certa confusão no estudante, resultando em experiências que podem afetar seu processo de aprendizagem. Outro aspecto psicológico importante é a permeabilidade do ego, que se refere ao grau de inibição do aluno e sua disposição para aprender a língua em questão. Schumann (1986) argumenta que, se o aluno não conseguir lidar com o choque cultural e o estranhamento e não possuir motivação e ego-permeabilidade adequadas, a plena aquisição da segunda língua se torna inviável.

De acordo com Savage e Hughes (2014), estudos relacionados à aquisição de linguagem através de experiências de imersão têm mostrado, de maneira geral, que as oportunidades



de estudar no exterior impactam de forma positiva o aprendizado de uma segunda língua. A principal vantagem identificada pelos autores é que os alunos conseguem se afastar do ambiente acadêmico tradicional e se envolver em interações com falantes nativos da cultura correspondente.

No método tradicional de ensino, a aprendizagem se dá através de um desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicação de regras. Já na aquisição (imersão cultural), o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua é obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente (Savage; Hughes, 2014). Em seu estudo — que abrange tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos —, Savage e Hughes (2014) evidenciam que todos os cadetes da força aérea americana que participaram de um intercâmbio de curta duração na China conseguiram aprimorar suas competências linguísticas, incluindo fala, escuta, leitura e escrita, em decorrência da experiência de imersão. Os participantes tiveram uma ampla exposição à língua-alvo e à cultura local, resultando em uma melhoria estatisticamente significativa nas pontuações obtidas em um teste inicial em comparação com um teste final. Além disso, por meio de entrevistas, questionários e anotações de observação, os alunos expressaram satisfação com os resultados do programa e demonstraram uma motivação excepcional ao longo do processo de aprendizado.

3. Política linguística

A aprendizagem das línguas possui variadas abordagens, com a consideração de posicionamentos favoráveis ao ensino mantido pelas vias tradicionais, com abordagens e metodologias que desconsideram a importância de aspectos relacionados à cultura e interculturalidade do aprendiz da língua. O propósito de ensino de um outro idioma extrai benefícios com a inclusão da cultura como elemento de formação para o processo de ensino e transmissão do conhecimento, segundo disposto por Almeida Filho (2013).

Para difundir o conhecimento de outra língua é indissociável a abordagem sobre a globalização e política linguística. Signorini (2013) aborda que existem estratégias institucionais aplicadas desde a década de 1990 para gerenciar o espaço que visa a circulação de produtos linguísticos ou semióticos, com ênfase a consideração da sociedade da informação e sociedade do conhecimento, com indubitáveis reflexos para a difusão do conhecimento de idiomas que atuem de modo objetivo para ampliar as redes de informação e conhecimento entre os seres no âmbito da globalização, conforme as dimensões econômico-financeira.

Com as diversas considerações acerca da ideologia da globalização, em âmbitos comerciais e financeiros, aponta-se que a globalização linguística é um cenário já identificado pela “comoditização/mercantilização” do inglês, atribuindo à língua uma característica de bem, de ativo a ser conquistado pelos indivíduos. Com esse entendimento, compreendeu-se a linguagem enquanto instrumento de manifestação e continuidade das redes de poder, expandidas do território-espaço das nações, para alcançar o mundo, em especial com o advento da internet e as possibilidades irrestritas pela ocorrência de distâncias físicas. Essa compreensão é abordada enquanto justifi-

cativa para a proliferação da oferta de globalização do inglês para o mundo, atribuída enquanto “língua franca, de negócios, de turismo, de teor técnico-científico” (Signorini, 2013, p. 77-78).

Em consideração à língua enquanto instrumento, para o caso da Língua Portuguesa, aponta-se a influência da globalização para a mercantilização da língua em determinados nichos, uma vez que o português brasileiro se tornou um ativo de comercialização para países sul-americanos para a criação de bloco econômico de formação com os países do Mercosul. Esse fator gerou a política oficial de reciprocidade de ensino do português e do espanhol em redes públicas de ensino para países membros do Cone Sul, com intuito de fomentar e gerenciar os mercados linguísticos para ampliar a circulação de produtos, serviços e pessoas em escala regional e ampla aos territórios das nações (Signorini, 2013). A autora ainda aponta a política linguística atribuída para o ensino e conhecimento do português e diz que:

Na perspectiva da globalização dos mercados linguísticos numa “sociedade de conhecimento”, ou “sociedade de informação”, a política linguística vai estar relacionada, sobretudo, à mais-valia, ou seja, ao valor econômico atribuído à dada língua enquanto recurso capaz de trazer “vantagens competitivas no mercado global, como veículo de conhecimento e desenvolvimento”, o que significa dizer, segundo Albuquerque e Esperança (2010), que o valor dessa língua “não depende tanto do seu peso demográfico, nem da vontade dos falantes, nem de políticas isoladas, como das relações que cria, sejam elas científicas, culturais, artísticas e sociais (Signorini, 2013, p. 81-82).

Desse modo, nota-se que o ensino de uma língua está enraizado em diversos fatores além da prática pedagógica que envolve a transmissão do conhecimento de códigos e linguagens específicos de um idioma. Existe a política linguística que envolve a funcionalidade do aprendizado de determinada língua, com fatores abrangentes e de impacto para quem está inserido em situações como no caso da imersão cultural (Signorini, 2013; Araújo, 2011). Signorini (2013) reforça a importância crescente de práticas socioculturais e linguísticas transversais e abrangentes às demarcações de território e sociolinguísticas, características dos estados-nação. É por meio das práticas transidiomáticas que a cultura e a língua são difundidas e expandidas.

A Portaria nº 1063/EME, de 28 de junho de 2023, emanada pelo Estado-Maior do Exército, estabelece diretrizes específicas relativas ao tratamento e à participação de estrangeiros no âmbito do Exército Brasileiro. Embora o texto integral não estivesse disponível para análise completa, nele consta que a norma regula aspectos como o ingresso, os direitos, as obrigações e a interação dos militares estrangeiros ou de pessoas de nacionalidades não brasileiras em atividades vinculadas ao Exército, bem como sua participação em cursos, programas de intercâmbio, cooperação internacional ou estágios.

Essa portaria é parte de um esforço institucional mais amplo de formalizar e normatizar a presença estrangeira no âmbito militar, assegurando que haja critérios claros quanto a admissão e requisitos de capacitação linguística, segurança, hierarquia, deveres disciplinares e integração ao corpo militar. Pode também estabelecer condições para a proficiência em português, obrigações de sigilo ou confidencialidade e normas de conduta alinhadas aos valores institucionais do Exército.

Para o ensino de PLE, essa portaria reforça a importância da proficiência linguística como exigência normativa: estrangeiros que venham a integrar cursos ou funções técnicas ou



operacionais dependem, quase certamente, de domínio suficiente da língua portuguesa — tanto no plano oral quanto no escrito — para acompanhar conteúdos acadêmico-militares, regulamentos, comunicação formal, ordens e procedimentos. Isso impõe desafios específicos: o nível inicial de proficiência pode variar muito; pode ser necessário planejar cursos preparatórios de língua portuguesa; avaliações de proficiência linguística devem ser criteriosas; os materiais didáticos podem ter que ser adaptados a falantes de diversas línguas maternas; além disso, professores especializados ou intérpretes talvez sejam necessários para assegurar compreensão plena.

Por outro lado, a portaria também abre oportunidades: a institucionalização desses critérios permite eixos, se bem implementados, feedbacks mais claros, trajetórias de aprendizagem bem definidas, certificação padronizada de proficiência, e possivelmente programas de imersão ou atividades práticas de uso do português em contextos reais (manuais, documentos, comunicação operacional etc.).

No caso da AMAN, a Portaria nº 1063/2023 pode implicar a necessidade de adaptar os currículos de português para estrangeiros para atender às exigências legais: cursos específicos, níveis de proficiência mínimos, avaliação formal, material didático especializado, capacitação docente em ensino de línguas para falantes de outras línguas. Isso reforça a importância de alinhar o ensino da língua com as diretrizes institucionais do Exército, de forma que a proficiência não seja apenas funcional, mas que permita o pleno exercício das atividades militares, acadêmicas e de liderança na organização.

4. Português como Língua Estrangeira

Almeida Filho (2017) aponta a formação de profissionais que são responsáveis pelo ensino de línguas, abordando que cursos de formação de professores de língua buscam promover a preparação dos professores para “se pensarem no seu fazer e a se superarem na consciência nova de si a que forem chegando”. O autor destaca que o ensino de professores fomentava o ideal de que a prática pedagógica de ensino de línguas deveria ser para condicionamento do conhecimento autorizado sobre como ensinar a língua-alvo, conforme práticas recomendáveis ou modelares.

Para ensinar o português é preciso que os profissionais responsáveis por esse conhecimento tenham a noção de que devem produzir o ensino da língua como algo concreto, com reconhecimento em quatro fases ordenadas e com interarticular em ações com planejamento, escolha de materiais adequados, construção de aulas e construção de ações de avaliação do aprendizado adquirido pelas aulas e instrumentos aplicados. Desse modo, aponta-se que a profissão de ensinar línguas, em especial o ensino de PLE, é um marco simbólico desde a década de 1950 (Almeida Filho, 2017).

Assim como apresentado no tópico anterior, a reciprocidade do ensino de português e espanhol é uma realidade apresentada pelo marco da publicação de uma série brasileira em 1978, denominada *Português do Brasil para Falantes de Espanhol*. Além desses marcos mencionados, existem diversos esforços para promover o ensino de PLE. São pontos representativos da forma-

ção e atualização de formas de ensinar e de saber-fazer, difundidas para a propagação da língua portuguesa para além dos territórios brasileiros (Almeida Filho, 2017). Desse modo, o autor ainda ressalta acerca das competências de professores ao ensinar o conhecimento do português enquanto uma segunda língua, pois:

É verdade que a nossa formação natural como professores, desagua numa competência implícita, nasce da nossa construção como pessoas sociais a partir das vidas que já vivemos e que estamos a viver. Dessa perspectiva, ela é espontânea, pessoal, implícita e singular. Por possuímos essa competência, ou essa formação espontânea, veremos no trabalho de ensino uma marca pessoal e única que nos distingue dos outros por nossa impressão digital profissional. É claro que temos também traços compartilhados com pessoas de grupos aos quais pertencemos: de gênero, de idade, profissionais, étnicos, religiosos e de caráter nacional por termos compartilhado uma mesma história geral (Almeida Filho, 2017, p. 18).

Desse modo, mesmo nas considerações da teoria formal e explícita de ensino, nota-se a importância de considerar as formações básicas e espontâneas, advindas das perspectivas, crenças, memórias e intuições. Esses aspectos são formadores de um conjunto de aspectos sociais e culturais que contribuem na formação do conhecimento sobre nuances e camadas de uma língua para um indivíduo (Almeida Filho, 2017). Considerar os aspectos subjetivos do indivíduo para o ensino da língua também amplifica o intuito em expandir os horizontes sociolinguísticos, uma característica notória em relação à imersão cultural com propósito de aprendizado de idiomas.

A consideração da cultura enquanto abordagem e filosofia de ensinar é abordada em reflexão formulada por Almeida Filho, com importância de destacar o seu pensamento de modo literal:

[...] Precisamos estabelecer o lugar do cultural no processo de aprendizagem de línguas. Aprendemos língua e incorporamos o cultural, ou aprendemos o cultural, e dessa base nos esforçamos por absorver a língua-alvo? Na verdade, conforme vou argumentar mais adiante, as duas posições apresentadas sobre o lugar relativo do aspecto cultural na composição de uma competência comunicativa nos aprendizes são a mesma posição radical com sinais trocados [...]. A cultura é o cerne, e língua é o que vem depois dela (Almeida Filho, 2017, p. 105-106).

Almeida Filho e Cunha (2007) complementam esse entendimento ao apontar que ensinar português como língua materna não é a mesma coisa que ensinar português como segunda língua a indivíduos de “comunidades transplantadas”. Logo, compreender esses aspectos contribuem de forma expressiva para entendimento da abrangência da imersão cultural e sua ligação com a dimensão da língua ensinada no e pelo cotidiano.

5. Imersão cultural

A imersão cultural é uma das abordagens mais eficazes para o aprendizado de idiomas, a qual proporciona ao aluno a chance de mergulhar completamente em um ambiente onde a língua-alvo é falada, oferecendo uma oportunidade única para vivenciar a língua em seu con-



texto autêntico. No entanto, essa experiência não está isenta de desafios que exigem resiliência, flexibilidade e entusiasmo. Um dos primeiros desafios enfrentados por aqueles que optam pela imersão cultural no aprendizado de idiomas é o choque cultural.

Ao sair de uma zona de conforto linguístico e cultural, muitos alunos encontram-se em situações que testam suas habilidades de adaptação, tendo em vista que enfrentar costumes desconhecidos, novos modos de vida e diferentes normas sociais pode ser, inicialmente, desconcertante. São essas diferenças culturais que reforçam o entendimento de que aprender um idioma vai além das palavras e gramáticas; é preciso entender também as especificidades culturais que influenciam a comunicação (Salomão, 2015). Ao enfrentar e superar esses obstáculos, os aprendizes ganham proficiência linguística e uma valiosa compreensão cultural, que enriquece suas vidas e amplia suas perspectivas de mundo (Aquino *et al.*, 2024).

A imersão cultural consiste em aprender profundamente uma cultura estrangeira, participando e se envolvendo na vida cotidiana daquela comunidade. É uma experiência enriquecedora e transformadora, assim, onde há uma compreensão profunda de outras culturas não apenas se promovem o respeito e a tolerância à diversidade, mas também há melhora das habilidades linguísticas, da resiliência e da adaptabilidade a ambientes multiculturais (Santos, 2021).

A imersão cultural enriquece o conhecimento de uma língua e favorece sua aprendizagem, pois permite assimilar o contexto em que essa língua se desenvolve, ajudando a entender suas sutilezas em diferentes contextos sociais e culturais. Também serve para desenvolver empatia e sensibilidade pela cultura na qual a língua é desenvolvida, sendo considerada a melhor maneira de dominar o uso de expressões idiomáticas que refletem a riqueza do idioma (Santos, 2021).

6. Os desafios da imersão cultural no aprendizado de idiomas

Além do choque cultural, outro obstáculo considerável é a barreira linguística inicial. Mesmo imersos, os aprendizes muitas vezes sentem-se sobrecarregados pela quantidade de informação nova e pelo ritmo em que ela é apresentada, assim, a comunicação pode começar de forma fragmentada, com dificuldades para compreender expressões idiomáticas, sotaques locais e gírias. Esse aspecto pode gerar frustração, pois, além de se esforçar para entender, o aprendiz também se esforça para se fazer entender. A superação desse desafio requer paciência, perseverança e disposição para cometer erros e aprender com eles (Salomão, 2015).

Ainda há a questão do isolamento. A imersão cultural pode ser uma experiência solitária, especialmente se o aprendiz não tem um sistema de apoio, como amigos ou familiares; assim sendo, construir uma rede social é crucial para praticar o idioma e para se sentir integrado à comunidade. Participar de atividades locais, eventos culturais e encontros sociais pode ajudar a superar essa barreira, promovendo um senso de pertença e facilitando a prática do idioma em contextos naturais (Aquino *et al.*, 2024).

Além de todos esses desafios, há o da continuidade. Manter a prática do idioma após o retorno à casa é de grande relevância para não perder o progresso obtido durante a imersão, pois, sem a consistência do uso diário que a imersão proporciona, é fácil regredir. Estabelecer uma

rotina que inclua leitura, escrita, e conversação na língua-alvo, mesmo à distância, é essencial para manter o aprendizado vivo (Aquino *et al.*, 2024).

A chegada de estrangeiros ao Brasil é frequentemente marcada por desafios significativos, especialmente no que tange à comunicação. Conforme Baltra (*apud* Barbosa, 2015) em seu estudo “Minha Aquisição do Português”, o primeiro contato com a língua portuguesa pode representar um obstáculo considerável. Recém-chegados enfrentam a necessidade de adaptação imediata a um novo ambiente linguístico e cultural, onde as barreiras de comunicação podem impactar tanto a vida cotidiana quanto a integração social.

No estudo de caso realizado por Juan Miguel Rosa González e José Arimatés de Oliveira (2011) sobre os efeitos da expatriação na identidade, um dos entrevistados descreve o processo de aprendizagem em um novo país como um “renascimento”. Este processo não começa do zero, mas de um ponto muito abaixo, exigindo que o indivíduo reconstrua características básicas, como honestidade e confiabilidade. O entrevistado relata que essa experiência resulta em uma transformação profunda, afetando a estrutura interna e a personalidade, levando-o a se sentir como uma pessoa completamente diferente em comparação ao que era em seu país de origem.

7. A imersão na AMAN

Desde 1949, a AMAN tem recebido cadetes de diversas nações, consolidando-se como um polo de formação militar internacional na América Latina. O Estado Plurinacional da Bolívia e a República do Paraguai foram os primeiros países a enviar militares para os cursos de Engenharia, Infantaria, Artilharia, Cavalaria e Intendência, com formações ocorrendo ao longo das décadas de 1950 e 1960. Nessa época, também destacou-se a participação de cadetes do Peru, Equador, Nicarágua e Guatemala, ampliando a diversidade de nacionalidades presentes na AMAN.

Durante as décadas seguintes, a presença internacional se expandiu ainda mais. Países da África, como Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Namíbia e Camarões, passaram a integrar os cursos da Academia, incluindo formações em Engenharia, Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Comunicações, Intendência e Material Bélico. Da mesma forma, nações da América Latina, como Venezuela, Panamá, El Salvador, Guatemala e República Cooperativa da Guiana, continuaram a enviar cadetes, evidenciando a relevância regional da AMAN como centro de excelência militar.

A partir dos anos 2000, a presença internacional consolidou-se e diversificou-se ainda mais, com a inclusão de cadetes de países asiáticos, como China e Vietnã, além de ampliação da participação de Estados da África e América Latina. As formações passaram a contemplar uma ampla gama de especialidades militares, reforçando o ensino técnico e tático e a integração cultural e a cooperação estratégica entre as nações amigas do Brasil.

Essa trajetória histórica evidencia que a AMAN desempenha um papel central na formação militar internacional, promovendo intercâmbio de conhecimentos, experiências operacionais e valores militares. A diversidade de cursos e nacionalidades reflete o compromisso da Academia



com a excelência, a integração regional e o fortalecimento de laços diplomáticos por meio da educação militar.

8. Conclusão

Através da literatura pesquisada e do estudo de campo realizado, esse estudo demonstrou a importância de experiências práticas e contextuais no processo de aquisição de uma nova língua. Ficou claro que a imersão cultural facilita a aprendizagem de vocabulário e estruturas gramaticais e leva à compreensão das características e contextos sociais e culturais que estão relacionados ao uso do idioma.

Cabe ressaltar que a imersão não deve ser vista apenas como uma estratégia de ensino, mas como uma ferramenta que integra a formação acadêmica e pessoal dos cadetes, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para atuar em contextos globais. Esse aprendizado vai além do domínio linguístico, englobando habilidades interculturais essenciais para a atuação em um mundo cada vez mais interconectado.

Evidenciou-se a necessidade de que instituições educacionais, especialmente as de formação militar, considerem a imersão cultural como uma prática pedagógica central, investindo em programas que promovam essa experiência, o que ajuda a melhorar a proficiência linguística e a preparar os cadetes para desafios futuros, fortalecendo a cooperação internacional e o entendimento mútuo entre as nações.

Diante do que foi apurado, tanto pelo estudo de campo quanto pela literatura pesquisada, conclui-se que a imersão cultural é uma estratégia que os cadetes de nações amigas utilizam para um aprendizado mais rápido do português, devendo ser colocada em prática durante os anos de formação na AMAN.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Vinícius Torres Garcia: Conceitualização; Investigação; Curadoria de dados; Escrita – rascunho original.

Ana Carolina Fontana: Supervisão; Metodologia; Validação; Escrita – revisão e edição.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar

REFERÊNCIAS

AQUINO, M. C. *et al.* O impacto de um intercâmbio acadêmico para a formação em Letras: o caso da Studienreise. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, Brasil, v. 27, n. 53, p. 385–417, 2024. DOI:



10.11606/1982-88372753385. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pg/article/view/226911>. Acesso em: 11 dez. 2024.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Língua além da cultura ou além da cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de Outras Línguas**. 2. ed., Campinas: Pontes Editora, 2017.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de; CUNHA, M. J. C. **Projetos Iniciais em Português Para Falantes de Outras Línguas**. Brasília: Editora UNB, 2007.

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN). **Cadetes de Nações Amigas realizam estágio de Língua Portuguesa**. 2023. Disponível em: <https://www.aman.eb.mil.br/ultimas-noticias/902-cadetes-de-nacoes-amigasrealizam-estagio-de-lingua-portuguesa>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ARAÚJO, E. T. de. “Caminho se conhece andando”. A importância da imersão cultural na Residência Social na EAUFBA/CIAGS. **NAU Social**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 232-238, nov. 2011/abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/31158/18538>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BARBOSA, E. M. Autonomia: a trajetória de uma adquirente de espanhol. **Revista Desempenho**, Brasília, Brasil, v. 2, n. 22, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/9494>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENNETT, M. J. Intercultural communication: a current perspective. In: BENNETT, M. J. (ed.). **Basic concepts of intercultural communication: selected readings**. Yarmouth: Intercultural Press, 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/246501677_Intercultural_Communication_A_Current_Perspective. Acesso em: 10 fev. 2025.

BLACK, J. S.; MENDENHALL, M. Cross-cultural training effectiveness: a review and a theoretical framework for future research. **The Academy of Management Review**, v. 15, n. 1, 1990, p. 113–36. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/258109?seq=1>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BLACK, J. S.; MENDENHALL, M.; ODDOU, G. Toward a comprehensive model of international adjustment: an integration of multiple theoretical perspectives. **The Academy of Management Review**, v. 16, n. 2, 1991, p. 291–317. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/258863>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº 1.063-EME, de 28 de junho de 2023. Aprova a Diretriz Geral para Cursos e Estágios para Militares Estrangeiros no Exército Brasileiro. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://www.sgex.eb.mil.br/sg8/006_outras_publicacoes/01_diretrizes/04_estado-maior_do_exercito/port_n_1063_eme_28jun2023.html. Acesso em: 11 ago. 2025.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 4. ed., White Plains, NY: Pearson Education, 2000.

CORACINI, M. J. Entre adquirir e aprender uma língua: subjetividade e polifonia. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 68-80, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/NfxyJqCtWWtvvZdwmBJHgqg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CHRISTIANSE, C. G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. G. *et al.* **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, J. M. R.; OLIVEIRA, J. A. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. **CADERNOS EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1122-1135, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/FcpwQ98tNrKW8crLnhRs3Wx/?format=pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

IMERSÃO cultural: a importância de entender a cultura para aprender o idioma. **Wizard by Pearson**, [202?]. Disponível em: <https://www.wizard.com.br/cultura/imersao-cultural/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

KRASHEN, S. D. **The input hypothesis: issues and implications**. New York: Longman, 1985. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=991777>. Acesso em: 09 fev. 2025.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALOMÃO, A. C. B. O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 54, n. 2, p. 361-392, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/VkPqC9zycJPMv6H8bz3p8vv/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SANTOS, L. C. O. **Interculturalidade e aprendizagem de línguas: relatos de experiências de imersão**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021.

SAVAGE, B. L.; HUGHES, H. Z. How does short-term foreign language immersion stimulate language learning? **Journal of Inquiry & Action in Education**, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2014. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1062133.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SCHUMANN, J. H. Research on the acculturation model for second language acquisition. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 7, n. 5, p. 379-392, 1986. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=3716629>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SIGNORINI, I. Política, língua portuguesa e globalização. In: LOPES, L. P. da M. (org.). **O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Mente na sociedade: o desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins, Fontes, 1978.